

Especial

Pequeno amor

A rede de apoio tem sido o suporte crucial de Marianna Nereu, psicóloga de 36 anos, para tornar a maternidade mais leve. Ela já tinha uma filha e, em janeiro de 2023, nasceu Noah, seu segundo filho, depois de uma gestação de 25 semanas. A gravidez, que era de risco por um problema de saúde, foi curta, mas a estadia no hospital não, tanto para mãe quanto para Noah. “Nós ficamos quatro meses no hospital, saímos no final de maio e fomos para casa”, conta.

Noah veio ao mundo com várias fragilidades e foi diagnosticado com doença pulmonar crônica. Por isso, mesmo recebendo alta, o pequeno, que nasceu com apenas 800 gramas, ainda precisava de respiração mecânica e dos cuidados de uma UTI. Assim, Marianna e o marido, Anderson Anselmo de Oliveira, optaram por uma UTI domiciliar, assegurando todos os cuidados para o pequeno, mas no conforto do lar.

“Nós temos uma equipe de técnico de enfermagem que fica conosco 24 horas”, explica Marianna. A família também conta com uma equipe de médicos que a acompanha, além de fisioterapeuta, fonoaudióloga e outros profissionais. Durante a fase do hospital, a família apoiou o casal, mas foi um processo complexo. “Quando uma criança precisa de cuidados diferentes de uma criança que não tem nenhuma doença, algumas pessoas fogem, principalmente pela rotina do hospital. Elas não sabem lidar com essa informação. Então é um processo muito delicado para a minha família. Ela me deu suporte, mas de outras formas”, enfatiza.

Na compra do enxoval, que ainda não estava pronto por conta do nascimento prematuro de Noah, além de auxílio durante a fase de adaptação da UTI domiciliar, a mãe de Marianna, Angela Maria Oliveira, conseguiu participar. “Nós conseguimos adaptar e criar uma rotina com ele. Hoje em dia, já pegamos o jeito”, conta Mariana.

A maternidade atípica de Noah ensinou várias coisas para Marianna sobre possibilidades e pensamentos sobre o futuro. “Nós temos que



Marianna e o bebe Noah com Eliene Gonçalves e o filho Alexander, no instituto Aconchego, em Taguatinga

lidar com aquela expectativa materna, porque quando a gente engravida e a gente começa a pensar naquele filho, nós programamos uma vida”, explica Marianna.

De acordo com a psicóloga, quando ela teve contato com a realidade, com um filho prematuro, precisou enfrentar um enorme baque. “É uma frustração, mas, ao mesmo tempo, um grande aprendizado, de você conseguir amar o seu filho do jeito que ele é, de você conseguir ver a beleza ali independentemente de não estar cumprindo essas expectativas.”

ACONCHEGO

Com as experiências e com o passar do tempo, Marianna Nereu foi fortalecendo e aprendendo, e o Aconchego, grupo de apoio e convivência familiar e comunitária, ajudou na sua jornada como mãe. “Esses espaços ajudam a fortalecer a maternidade, a partir da visão dessa diversidade de criações.”

Fundada em Brasília em 1997, a instituição Aconchego é uma organização de referência que promove ações para transformação da convivência familiar e comunitária de crianças e adolescentes. Mães como Marianna Nereu e Eliene Gonçalves participam de projetos como o Família Acolhedora. Marianna trabalha como psicóloga e Eliene acolhe crianças que precisam de um lar temporário.